

Entre a prática pedagógica e a prática artística:

Reflexões sobre Arte e Arte Educação

Jociele Lampertⁱ

Carolina Ramos Nunesⁱⁱ

Resumo

O texto aborda conceitos sobre o lugar do professor artista, bem como, deriva sobre o conceito de experiência utilizando o ateliê como espaço criativo, gerador de potência para articulações entre a formação docente e a prática artística. O estudo norteia-se sobre como o professor compõe seu processo criativo com a elaboração de cartografias, de forma a propor o fluxo e conexões entre os conceitos de espaço do ateliê e a subjetividade na prática docente do fazer/saber do professor artista. Desta forma, teoria e a prática tramam-se em perspectivas metodológicas, a fim de que, a própria pesquisa explore a narrativa subjetiva e identidade do professor artista.

Palavras chave

Arte Educação, professor artista, cartografia, ateliê ou estúdio.

Abstract

The text discusses concepts about the place of teacher artist as well, drifting on the concept of experience using the studio as a creative space, power generator for joints between teacher formation and artistic practice. The study is guided on how the teacher makes up his creative process with the development of cartography, in order to propose the flow and connections between the studio space concepts and subjectivity in the teaching practice of doing / knowing the artist teacher. Thus, theory and practice plot in methodological perspectives in order that the research itself explore the subjective narrative artist and teacher identity.

Keywords

Art Education, Professor artist, cartography, studio.

No livro *Studio Thinking*, Hetland (2007), é apresentada a perspectiva da sala de aula de Artes Visuais, pensada como estúdio¹, não a fim de compará-los, mas sim, em articulação. Sendo que em ambos os espaços (aparentemente distantes) desenvolvem-se procedimentos metodológicos semelhantes: apresentação de proposta de trabalho, onde o professor desenvolve explicação teórica fornecendo exemplos e apresentando referências; a continuação apresenta proposta para desenvolvimento de trabalho prático individual ou coletivo; e por fim, há uma pausa ou elemento para a discussão pautado no fazer, gerando criticidade e reflexão ao processo de trabalho.

Neste sentido, a prática de estúdio gera persistência, expressividade, capacidade espacial, de observação, reflexão e propensão para pensar além do que é concreto ou real. Para tanto, este artigo apresenta um relato de pesquisa, decorrente da vivência das autoras como docentes e participantes do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, articulando o espaço da sala de aula como gerador similar ao estúdio, em consonância com possibilidades para o ensino/aprendizagem em Artes Visuais.

¹ Neste caso entende-se como ateliê (nota das autoras).

² O professor é mestrando na Linha de Pesquisa Ensino de Arte no Mestrado em Artes Visuais, sob orientação

A Arte e Arte Educação ancoram-se sobre conjuntos de práticas que envolvem o saber fazer, a auto-reflexão, o contexto sociocultural e abordagens históricas, refletidas nas práticas pedagógicas e artísticas, como desdobramento de um processo criativo evidenciado pela construção sistemática de experiências.

A formação do professor de artes visuais perpassa por um sujeito artista/professor (compreendemos que a pesquisa está implícita e inerente ao trabalho docente), pensando no processo de ensino e aprendizagem cotidiano, ultrapassando o limite entre o pessoal e o profissional. A prática reflexiva diária pode levar a procedimentos que partem da concepção de diários, mapas, ou investigações que pesquisam problemas educativos por meio da criação artística utilizando linguagens artísticas e não apenas evidenciando estudos de caso, ou pesquisas quantitativas.

Refletir (e produzir) sobre propostas de ensino/aprendizagem que relacionem teoria e prática é relevante para conectar a subjetividade da prática docente e o próprio processo de formação docente, usando o espaço do ateliê híbrido como força motriz e cartografia como meio de metodologia ou caminho a ser percorrido como possibilidade de trabalho. Conforme Kastrup e Passos (2013), a cartografia é um modo de construir uma realidade a partir daquela já existente usando o coletivo, os processos subjetivos e a transversalidade da própria temática e si, onde cria-se a possibilidade de estudar as relações entre a educação e o espaço/lugar/tempo do ateliê de arte. Os usos da cartografia e da narrativa, pensando a subjetividade, permitem agregar conceitos e perspectivas ao estudo sobre o ateliê e suas implicações pedagógicas.

A cartografia e o lugar do ateliê completam-se, compondo uma narrativa que condiz com a característica de um professor que também pensa na pesquisa e em uma produção artística, ambas vinculadas com a sua prática docente, seja no espaço das oficinas, laboratórios, escolas, ensino formal ou não, até as Galerias e Museus.

Conforme esta perspectiva, os procedimentos metodológicos/pedagógicos instaurados no espaço/tempo/lugar do ateliê, bem como, das possibilidades de potência e articulação com o saber/fazer e o ser professor artista, criou-se em 2014, por meio de projeto de pesquisa, a formação do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, orientado e coordenado pela professora Dra. Jocielle Lampert (UDESC). Neste espaço questões sobre Arte como experiência, sobre o lugar de quem produz e de quem ensina Arte, ou ainda de um saber/fazer competente ao artista, evocam a pesquisa/investigação sobre o modo como o ensino/aprendizagem no espaço do ateliê influenciam atitudes, crenças, valores, estudos e produções artísticas dos sujeitos artistas pesquisadores, envolvidos com o

grupo. Por estes fins, propõe-se investigar a educação por um viés do espaço/tempo, e das articulações cartográficas, entre o professor e o ser artista professor, com a chave sobre a prática artística. De acordo como projeto de pesquisa "Arte Educação pela pintura: a produção artística do artista professor" por Lampert (2013).

O grupo de estudos Estúdio de Pintura Apotheke surge do Projeto de pesquisa "Arte Educação pela pintura: a produção artística do artista professor". Este apresenta uma tessitura coerente ao contexto do ensino de arte contemporâneo. Pois, deriva da articulação possível entre teoria e prática, assim como, pode abordar questões pertinente a quem ensina e produz Arte. Ou seja, a escolha da articulação entre Arte Educação e pintura, em meio as questões que permeiam a construção do conhecimento do artista/professor/pesquisador, decorre da busca permanente por amplo repertório de quem ensina e produz e pesquisa no contexto pictórico. (LAMPERT, 2013, p. 5)

Nesta pesquisa, o estudo da linguagem pictórica decorre em duas vertentes:

1 - o pressuposto prático: a pintura e seus procedimentos específicos envolvendo temáticas como e o estudo de paisagem, natureza morta, figura humana e abstratos. Assim como, o estudo de técnicas específicas de pintura. Pesquisa prática de: massas tonais, planos de cor, composição, contrastes, estudos de paletas de diferentes artistas/estilos, uso de pigmentos, fatura de tintas, exploração de técnicas de encáustica e monotipias (raras em programas de ensino nas Universidades) e práticas similares ao uso de pintura óleo, acrílico e/ou uso de ceras, ou ainda, uso de aquarela e têmpera.

2 - o pressuposto teórico: a pintura e o contexto contemporâneo, estudos de diferentes artistas, estilos e técnicas que envolvam o contexto da produção pictórica. Leitura e discussão de manuais de artistas. Pesquisa de vídeos e registros sobre história de pintores e uso de técnicas e diferentes faturas. Articulação da experiência dos membros do grupo em consonância ao ensino de arte na contemporaneidade e estudos sobre o espaço/tempo do ateliê e da sala de aula.

Desta forma, tais vertentes evidenciam o tratamento de conteúdos de pintura referente ao fazer do artista ou professor ou pesquisador. Ou seja, trata-se de ampliar o olhar, o repertório e o saber artístico, tendo a pintura como eixo gerador. Espera-se não somente a formação de um grupo participante, mas também, o desenvolvimento de uma articulação para o estudo do campo pictórico e seus possíveis desdobramentos, representações ou interlocuções. A exemplo de Paulo Pasta (2012), em seu livro, resultado de sua Tese de Doutorado na ECA/USP, intitulado 'A educação pela pintura', onde o autor compila diversos textos, sobre outros artistas de referência e apresenta o

seu próprio contexto de produção, situando-se como pintor que produz e ensina reflexões sobre a pintura, como forma e/ou possibilidade para investigação plástica e procedimentos metodológicos. O processo pictórico estende-se a diferentes formas de representações e interlocuções na contemporaneidade em meio ao contexto saturado de imagens. Por outro lado, além do objeto pintura como temática para este estudo, ancora-se o artista/professor/pesquisador e as inquietações, conforme o pensamento de Almeida, 2010, pág. 36:

ser artista, ser professor – os motivos que levam um artista a ser professor, o gostar e o não gostar de ser professor, as relações entre criar e ensinar – o artista na instituição – os prós e os contras de ser professor de arte numa instituição, a pesquisa em arte, a carreira acadêmica e a avaliação da produtividade do artista – o ensino de arte – concepções e procedimentos referentes ao ensino de arte.

Para Sullivan (2005), a pesquisa em Arte Educação envolve fazer perguntas e procurar respostas que permitam entender como produzir e ensinar Arte. Neste caso, o ensino da pintura configura o espaço/tempo para compreender o seu ensino/aprendizagem de forma significativa e colaborativa, em uma dinâmica contextual de uma investigação específica, a margem do contexto universitário e, não necessariamente em aulas, mas sim, em encontros com um grupo participante de artistas/professores/pesquisadores, interessados em pintura.

O termo artista/professor foi usado inicialmente por George Wallis, em meados do século dezenove, e vem sendo construído desde então, um retrato pedagógico da identidade associado ao termo. Uma rede de empreendimentos foi desenvolvida para entender o processo de pensamento que discute o artista/professor, que é um processo conceitual de aplicar um modo artístico e estético de pensar o ensino. Este aspecto central do artista/professor atrai semelhanças ao movimento em Grã Bretanha do ensino de desenho e a fundação da Bauhaus na Alemanha, no qual as atividades de estúdio do artista transferiam a metodologias pedagógicas e práticas, o eixo central do ensino/aprendizagem em Arte. Posteriormente, tendências que se estenderam a criação do Black Mountain College nos Estados Unidos. Tendências que perpassam a prática artística de artistas como Paul Klee, Josef Albers, Hans Hoffman até Joseph Beuys, dentre outros, em diferentes momentos e contextos históricos. Assim, finalmente, sobre o ensino/aprendizagem e o processo da construção do conhecimento do objeto pintura/educação, ancora-se a experiência que atravessa o sujeito, em meio a percepção de sua subjetividade, seja como pintor/artista e/ou artista/professor, conforme o pensamento de Dewey (2010). Para tanto, é relevante ressaltar que a partir do contexto histórico sobre o ensino de arte norte americano, Dewey foi e é, autor de referência e influência sobre vários currículos, como o exemplo da New School, escola de Arte e

Design situada em Nova York/EUA, que segue as tendências (de forma contemporânea) do currículo instaurado no Black Mountain College.

Prática pedagógica e a prática artística: o espaço/tempo do artista professor

A vida repleta por atividades envolvendo a docência pode acabar por afastar os convívios dos espaços artísticos e docentes, e por conseqüência afetar a relação criativa com a elaboração de planejamentos, pesquisas e poéticas. Refletindo sobre os acontecimentos supracitados, em um artigo no livro *Arte/Educação Contemporânea*, Barbosa *in* Barbosa (2010) elabora um discurso crítico sobre a lacuna existente entre a educação, os museus e circuitos artísticos, estruturando uma idéia de que a arte educação esta intrinsecamente ligada ao mundo artístico, seja pela historia da arte ou até mesmo pelos processos criativos utilizados pelos artistas.

Desconstruir para reconstruir selecionar, reelaborar a partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (Barbosa *in* Barbosa, 2010, p. 100)

Ao ponderar sobre o porquê do ensino de arte nas escolas e suas estruturações históricas, permite-se pensar sobre o espaço onde se produz, reflete e contextualiza a arte. Indo além, onde o professor pode permitir-se estudar *sobre* e *com* Arte, pensando nele como alguém que aproxima o conteúdo, propicia experiências e tece conexões.

Visando essa possibilidade de um ateliê não necessariamente no espaço/lugar, mas na sua constituição poética e prática por parte de quem e como o utiliza , permite-se pensar nas relações entre a educação formal e o ateliê, sendo pelo espaço da aula de artes visuais, da sala de artes e do lugar onde o professor produz, seja esta produção voltada para sua atividade docente ou não, mas sim, como *locus* de uma experiência criativa.

O espaço do estúdio ou ateliê já esteve mais próximo da educação conforme Wilson *in* Barbosa (2010), onde o autor elabora reflexões sobre o mundo artístico ter influenciado a arte educação, propondo um contexto histórico, desde o renascimento até o modernismo sobre o processo de aprendizagem em artes, alcançando a consonância contemporânea no ensino/aprendizagem.

Assim, a cartografia e a proposta de um ateliê contemporâneo acabam por conectar com o conceito de experiência de Dewey (2010), que propõe a experiência pela Arte e a Arte pela experiência, confrontando o ser com um sujeito subjetivo e com relações

particulares *sobre* e *com* o mundo. Estar consciente desta relação faz com que essa experiência torne-se singular e então, consumir-se e construir-se na realidade, e propor novas tessituras com o mundo.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e idéias, de modo que emerge a intenção consciente. (DEWEY, 2010, p. 109)

Essa subjetividade singular proposta ao experienciar o mundo poderá ser encontrada em cartografias, como possibilidade metodológica, onde pelo tracejar do caminho feito pelo pesquisador, novos percursos surgem derivando possibilidades de rede. Propõe-se um pensamento sobre os vínculos da cartografia e o espaço do ateliê, de forma que esta relação venha a ser transfigurada em potência criativa, voltada para o planejamento e o diário do professor de artes visuais, permeando o contexto da produção de sentido do professor artista.

A cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente. Partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade, o que coloca em questão o paradigma da representação. (...) É intervir sobre a realidade. É transformá-la para conhecê-la. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como *poiesis*, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção. (KASTRUP; PASSOS, 2013, p.264)

Ao refletir sobre o espaço/tempo do ateliê é proporcionado uma ponte /articulação/deambulação com métodos cartográficos, onde a localização, seja geográfica ou histórica, conecta-se a sujeitos que circulam entre o espaço da sala de aula no contexto escolar e o espaço/tempo gerado no ateliê. Conforme Silva (2011), em seu artigo sobre os ateliês contemporâneos, estrutura-se as visualidades do ateliê no espaço renascentista e suas transições ao longo do tempo. Suas colocações levam ao espaço do ateliê como um lugar de troca de experiências, um lugar este múltiplo em sem forma premeditada conforme se esperava do artista de tempos atrás.

O ateliê se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre, ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. Se a contemporaneidade discute o ser exclusivo e induz a pensar um ser múltiplo e provisório, provisoriedade e processo são instâncias a serem valorizadas, tornando-se evidentes. (SILVA, 2011, p.14)

Este espaço de troca/tangenciamento é o elo entre todos os conceitos propostos pelo grupo de estudos Estúdio de Pintura Apotheke, o ateliê será o espaço de troca de experiências, onde o professor compondo-se por um sujeito professor artista, poderá compor sua identidade docente (subjetividade) a partir de cartografias, e assim, dispor a potência criativa significativa para o contexto da ensino formal (produção e planejamento de aulas, construção do diário e também contextualização e interconexão de conteúdos). Aponta-se como exemplo desta prática, as experiências desenvolvidas pelo professor Fábio Wosniak² (Escola Marista) e pela professora Jociele Lampert (Universidade do Estado de Santa Catarina). O professor Fábio é participante do grupo de estudos Estúdio de Pintura Apotheke, bem como, realiza docência orientada nas aulas da professora Jociele. Em experiência proposta ao Estúdio de Pintura Apotheke, a professora Jociele, apresentou o trabalho do artista Wolf Kahn, bem como, propôs a realização de trabalhos práticos como a monotipia usando tinta óleo.³



Figura.1 Prática artística de monotipia com tinta a óleo pelo Grupo Apotheke.

² O professor é mestrando na Linha de Pesquisa Ensino de Arte no Mestrado em Artes Visuais, sob orientação da professora Dra. Jociele Lampert (UDESC). Desenvolve pesquisa sobre a disciplina de Artes visuais na Licenciatura do curso de Pedagogia.

³ Todas as imagens deste artigo são de autoria do Grupo de Estudos Apotheke (UDESC).



Figura.2 Fábio Wosniak experienciando a monotipia com tinta a óleo

Em experiência proposta na disciplina "introdução a linguagem pictórica", ministrada pela professora Jocielle, foi desenvolvido estudos teóricos e práticos baseados nos estudos do artista Hugh O'Donnell. Compreendendo estudos de desenho (volume e composição), bem como o entendimento do trabalho colaborativo de um grupo.



Figura.3 Aula de Introdução a Linguagem Pictórica baseada no artista Hugh O`Donnell



Figura.4 Processo da aula de Introdução a Linguagem Pictórica baseada no artista Hugh O`Donnell

Ambas as situações de ensino/aprendizagem foram locus e serviram de base para multiplicar a prática artística no contexto escolar, compreendendo a prática pedagógica em uma dinâmica contextual e não estanque ou fechada.



Figura.5 Oficina ministrada por Fábio Wosniak sobre o artista Hugh O`Donnell.



Figura.6 Detalhe de processo da oficina ministrada por Fábio Wosniak sobre o artista Hugh O`Donnell



Figura.7 Oficina ministrada por Fábio Wosniak sobre o artista Wolf Kahn.

Evidenciam-se cartografias também pelas narrativas, a partir das proposições das oficinas e aulas, construídas e elaboradas pelas ações artísticas, ou instauradas pela prática de pesquisa. Estas narrativas, são o processo e a conclusão, por meio delas une-se a atividade do ensino e aprendizagem de vários espaços distintos. Permite-se refletir conforme Eisner (2008) que “pode-se dizer que, no seu melhor, a educação é o processo de aprender a tornar-se arquiteto da nossa própria educação” (p.14) e essas construções surgem e completam-se nas potências cartográficas.

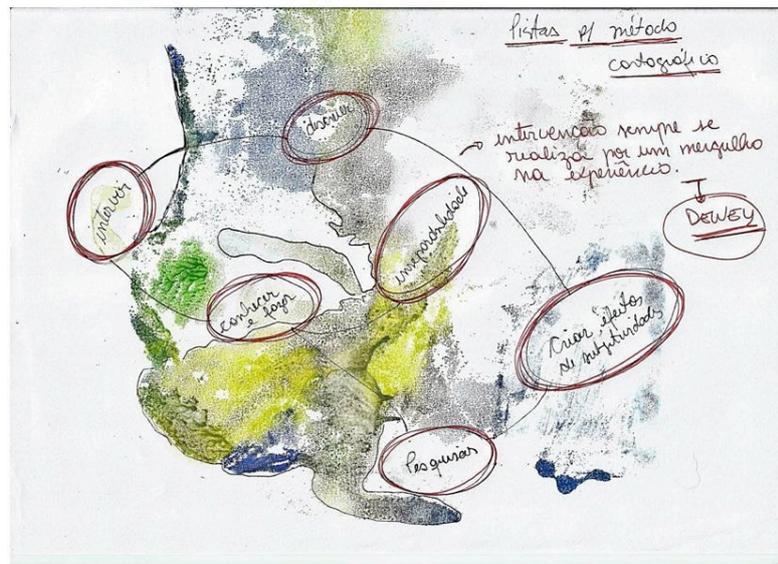


Figura.8 Cartografia de Fábio Wosniak

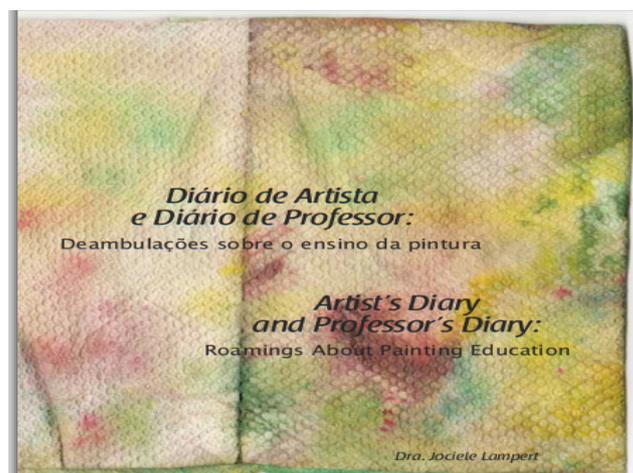


Figura.9 Capa do Diário Cartográfico da Profa. Doutora Jocielle Lampert

Neste sentido, o diário de bordo, é visto por ambos professores como a construção de anotações, desenhos, narrativas, histórias que configuram dispositivos que servem, não somente como memória e arquivo da pesquisa, mas também, como auto reflexão para um desvio metodológico que constituem experiências subjetivas na construção das narrativas do professor artista. Este espaço de construção permite aos pesquisadores

estabelecer articulações entre o ateliê e sua reverberação na atividade docente ao abordar conceitos sobre o lugar do professor artista, a partir tanto das práticas artísticas bem como das atividades docentes contrapondo teoria e prática.

As reflexões entre Arte e Arte Educação ancoram-se no pensamento de John Dewey, pois decorrem do entendimento do lugar da experiência na pesquisa e na articulação entre teoria e prática sobre a expressão criativa, o que em nossa percepção, torna os conceitos elaborados por Dewey pertinentes para o entendimento do espaço/tempo da Arte Educação na contemporaneidade. Assim, esta proposição trona-se um relato de pesquisa viva, onde a experimentação acontece no processo criativo, em estudos e reflexões sobre autores, bem como, é redimensionada de forma viva na sala de aula.

Para fins de conclusão, considera-se que a pesquisa ainda está em andamento, onde procedimentos de ensino/aprendizagem que a docência em Artes Visuais permite-se construir como potência criativa, não somente em seus planejamentos, como ato de criação, mas anteriormente, onde se testa, se pesquisa e se busca apreender o que ensinar. Da mesma forma, posteriormente, com a avaliação sobre os procedimentos de ensino/aprendizagem e reflexões teóricas, decorrente de fato da experiência viva. Neste espaço/tempo o lugar do ateliê/estúdio, sala de aula, dilata-se ou expande-se no sentido de instaurar redes que multiplicam experimentações e reflexões sobre a própria construção subjetiva do ser professor artista.

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício.** São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas.** In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 6. p. 98-112.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem fronteiras*, v. 8, n. 2, pág. 5-17. Julho/dezembro, 2008.

DEWEY, John; BOYDSTON, Jo Ann; KAPLAN, Abraham. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John; BOYDSTON, Jo Ann; KAPLAN, Abraham. **The Later Works of John Dewey, Volume 10, 1925 - 1953: Art as Experience.** The Collected Works of John Dewey, 1882-1953, 1934.

LAMPERT, Jocielle. **Arte Educação pela pintura:** a produção artística do artista professor. 2013. Projeto de Pesquisa. Disponível em:

<<http://www.ceart.udesc.br/pesquisa-2/projetos-de-pesquisa/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

LAMPERT, Jocielle. **Artist's diary and professor's diary:** roamings about painting education. 2013 190 f. Relatório de Pós Doutorado, realizado no Teachers College na Columbia University em New York, EUA.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum.** Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 25, n. 2, p.263-280, Maio/Ago 2013. Quadrimestral. Disponível em:

<<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1109/870>>.

Acesso em: 11 de maio, 2014.

PASTA, Paulo. **A Educação pela pintura.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

SILVA, Fernanda Pequeno da. **Ateliês Contemporâneos:** Possibilidades e Problematizações. Anais do 56o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Rio de Janeiro, p.59-73, 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf>. Acesso em: 10 maio 2014.

SULLIVAN, G. **Art Practice as Research:** Inquiry in Visual Arts. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

ⁱ Professora Titular na UDESC. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP. Mestre em Educação

ⁱⁱ Educadora de Artes Visuais na Rede Estadual de Santa Catarina, Licenciada em Artes Visuais pela UDESC, cursando especialização em Mídias na Educação pela UAB/IFSC. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Pintura Apotheke, UDESC, diretório CNPq.

Recebido em 05/06/2014

Aprovado em 15/12/2014